



Duas noivas escandalosas.
Dois «amigos» difíceis de esquecer.

Vencedora
do Prémio RITA

TESSA DARE
e
CHRISTI CALDWELL

Bestseller do USA Today

Noivas
em
Fuga

TOP
SEL
LER

The page features decorative floral patterns in the corners. The top-left and bottom-right corners have large, stylized floral motifs. The top-right and bottom-left corners have smaller, similar motifs. The central text is set against a plain white background.

Noiva à Disposição,

Tessa Dare

Capítulo 1



Eis a primeira regra de amizade entre cavalheiros: nunca, jamais, tocar na irmã do nosso melhor amigo.

Não o faça. Nem sequer pense nisso!

Nem com um dedo!

Sebastian Ives — Lorde Byrne — nunca fora indivíduo de seguir regras. Já no que se referia a promessas, levava-as realmente a sério.

A amizade dele com Henry Clayton havia sido a sua âncora durante a turbulenta juventude, e era demasiado valiosa para pôr em causa, pelo que fizera uma jura a si mesmo, e mantivera-se firme — o melhor que conseguiu, pelo menos — durante anos.

Onze anos.

Onze longos anos.

Mais de quatro mil dias a lutar contra a tentação de tomar Mary Clayton nos seus braços e...

Bem, a partir daí os pormenores variavam.

Será suficiente dizer que, além do contacto casual necessário às convenções sociais, nunca lhe havia tocado — com uma exceção. Após o funeral de Henry, abraçou-a durante horas, enquanto ela chorava.

Certamente, essa vez não contava.

Porém, naquele dia, Sebastian sentia-se tentado a quebrar a sua promessa. Não; «quebrar» era uma palavra demasiado ténue.

Queria empacotar os seus princípios, parti-los ao meio e pisá-los com a bota, até os esfarelar.

Bolas, ela estava encantadora naquele vestido de noiva!

Não só encantadora, mas inexplicavelmente sozinha.

— Onde raio está o teu noivo?

— Não sei bem — respondeu ela.

Sebastian andava de um lado para o outro, no minúsculo anexo da capela, evitando olhar para o declive do pescoço de Mary e para o suave caracol de cabelo acobreado que o adornava.

— Como é que aquele traste se atreve a deixar-te à espera?

— O Sr. Perry não é um traste. É o filho legítimo de um advogado.

— Até podia ser o Príncipe de Gales. O homem fez-te uma promessa, e não está cá para a cumprir. Isso faz dele um traste. Um traste atrasado, no mínimo.

— Ele não está atrasado, Sebastian. — Mary fez uma pausa.
— Ele não vem.

— Impossível.

— É perfeitamente possível. Aliás, é evidente. Ele não está aqui, nem a família dele. — observou ela, soltando um suspiro derrotado. — Deve ter mudado de ideias à última hora.

— Mudado de ideias?! Que cobarde idiota mudaria de ideias em relação a casar contigo?

— Um que queira um tipo de mulher diferente, suponho: alguém menos opinante, mais dócil. Sabes que posso ser difícil.

Difícil? No que respeitava a Mary, a única dificuldade dele era manter a distância.

Conseguia perceber, porém, os motivos que poderiam levar um homem mais fraco a considerá-la intimidante. Ela sempre fora mais inteligente do que Sebastian e Henry juntos. Era forte e autossuficiente, pois ter perdido a mãe muito jovem não lhe deixara outra alternativa.

E era apaixonada. Quando acreditava em algo, defendia te-nazmente o seu ponto de vista, sem nunca desistir. Achava que as mulheres deviam poder votar, que os prisioneiros deviam ter comida melhor, que as viúvas de guerra deviam receber pensões. E que os filhos de bêbedos violentos jamais deveriam passar o Natal sozinhos.

Qualquer homem que não a quisesse seria um perfeito idiota.

— Acabou-se — disse ela. — Vou à procura do padre para o informar de que o casamento foi cancelado.

— Nem penses nisso! Vou à procura desse canalha e trago-o, arrastado.

— Não quero casar com um homem que tem de ser arrastado até ao altar. Mesmo no meu estado atual de orgulho ferido, acho que mereço melhor.

— Claro que mereces. Para já, sempre mereceste melhor do que o Giles Perry. Mas ele pediu-te em casamento, e tu aceitaste. Ele que não julgue que vai sair impune!

— Sebastian...

— Muito bem — transigiu ele. — Não vou arrastá-lo até cá. Vou *convidá-lo* a honrar a sua palavra.

— E se ele não aceitar esse convite?

Sebastian estacou e virou-se para ela, fitando-a diretamente nos seus cintilantes olhos azuis.

— Se assim for, desafio o traste.

— Um duelo? — O coração de Mary falhou um batimento. — Oh, não! Não podes.

— Oh, sim! Acredita.

Lançou-lhe o clássico olhar à Sebastian, dominador e teimoso, em igual medida. Ela já vira homens a sucumbirem sob aquele olhar. Não ajudava o facto de ele ter a constituição de um guerreiro viking, alto, de ombros largos, como uma escultura de bronze. Não havia nada suave nele, em lado nenhum.

Pelo menos não na sua aparência exterior.

— Esse olhar não resulta comigo — retorquiu ela. — Conheço-te demasiado bem.

— Não sabes tudo, Mary.

— Sei que já te vi a embalar uma cria de pardal com a mão e a alimentá-la com um conta-gotas.

— Isso foi há imenso tempo! — resmungou ele, inclinando a cabeça para trás.

— Minhocas esmagadas, três vezes por hora, durante dias.

— Salvar o bicho não foi ideia minha; foi do Henry.

— Mas foste tu que a puseste em prática. O passarinho pensava que eras a mãe dele. Lembras-te? — Ela arqueou dois dedos, fazendo-os saltitar pelo braço dele acima. — *Hop, hop, hop...*

— Está quieta.

Ela retirou a mão.

— Estou só a dizer que se tornou impossível intimidares-me, a partir desse verão. Portanto, nem sequer penses em duelos. Não és um homem capaz de matar a sangue frio.

— A tua honra tem de ser defendida. O Perry já adiou este casamento duas vezes.

— Ele adiou o casamento uma vez — corrigiu ela. — Da outra vez, eu estava de luto; ele não teve culpa.

— Não, não teve culpa — assentiu Sebastian, numa voz sumida, amarga. — A culpa foi minha.

Mary amaldiçoou-se em silêncio. Não devia ter referido aquilo.

— Tens de parar de te culpar. Estávamos em guerra; na guerra, morrem homens. Não foste responsável pela decisão do Henry de se alistar.

— Talvez não. Mas, quando ele foi morto, passei a ser responsável por ti.

— Tenho quase 28 anos. Gosto de pensar que já sou responsável por mim própria. Posso até ter sido abandonada, mas não

estou triste. Eu e o Giles gostamos um do outro, mas não é amor. Irei sobreviver.

— Sim, mas a tua reputação não sobreviverá. Sabes o que dizem as pessoas quando um noivado longo é rompido. Vão assumir que... bem, que vocês... — Sacudiu o ar com uma mão. — Ajuda-me. Qual é a forma educada de dizer isto?

Mary ficou subitamente curiosa acerca das formas indelicadas de o dizer. Contudo, não era uma conversa para ter naquele momento.

— Vão assumir que antecipámos os votos do casamento.

— Sim — respondeu ele, notoriamente aliviado. — Isso.

— Não posso evitar que as pessoas espalhem rumores.

— Será a tua ruína. Não tens nem dinheiro nem relações para ultrapassares o mais ínfimo rumor de escândalo. Se não casares com o Perry hoje, podes nunca chegar a casar, de todo.

— Eu tenho noção disso. — *Dolorosamente.*

Ficar encalhada não era uma perspectiva particularmente apelativa, não só porque sempre sonhara apaixonar-se, montar uma casa e ter filhos, mas também porque, sem o Henry, a modesta fortuna de família passara para um primo afastado. Até então, o primo havia sido solidário e generoso, mas, se mudasse de ideias, a situação financeira de Mary podia tornar-se rapidamente severa.

— E as tuas causas políticas e todas as organizações de beneficência? — perguntou ele. — Sei como são importantes para ti. Se manchares a tua reputação, irás perder, igualmente, bastante influência.

Outro golpe, e este desferido mais perto do coração.

Mary encolheu os ombros, tentando parecer despreocupada.

— Talvez tenha de cancelar a minha filiação na Sociedade das Senhoras para a Justiça Social. De qualquer forma, as reuniões eram bastante aborrecidas.

— Eu vou tratar disto — retorquiu Sebastian. — Assim que lhe mostrar o cano da minha pistola, ele reconsidera. Não te preocupes.

«Não te preocupes»?! A única emoção que Mary estava capaz de sentir naquele momento era preocupação. A probabilidade de Giles matar Sebastian num duelo era ínfima, mas não era inexistente.

— Sebastian, não te vou deixar arriscar a vida por mim. Não por algo assim.

— Dava a vida por ti. Sem hesitar um momento.

Céus!

Mary viu-se sem resposta. Ele deixara-a sem fôlego. Já tinha perdido o pai, depois o único irmão. Não suportaria perder Sebastian também.

— Ouve-me. Não me vou casar com o Giles. Nunca. Mesmo que o encontrasses, o levasse a implorar sob ameaça de arma e o trouxesses a esta capela nos próximos 15 minutos, eu recusaria. Também pretendes ameaçar-me com uma pistola?

— Claro que não — resmungou ele. — Não posso obrigar-te a casar com ele.

— Então, está resolvido. Passarei a enalhada — concluiu ela. — Agora, se me dás licença, vou falar com o padre.

Ele agarrou-lhe o braço.

— Não, desculpa, mas não te vou dar licença. Não vais nada falar com o padre. Não te vais arruinar, nem ficar solteira. Vais casar comigo.

Capítulo 2



Sebastian não esperava que Mary aceitasse pacificamente a sua declaração.

E estava certo.

— O quê?! — exclamou ela.

— Tens de casar com alguém, e, se não casas com o Perry, casas comigo. É a única forma.

Ela franziu o sobrolho.

— Não é a única forma.

— É a única que permitirei. Sei que o teu dote é pequeno. Não irás ser uma solteirona pobre se eu o puder impedir. E posso.

— Se estás preocupado com dinheiro, podes doar-me umas centenas de libras. Certamente tens de sobra.

— E tornar-te alvo de caçadores de fortunas sem escrúpulos? Era o que faltava!

— Céus! Que péssima opinião tens sobre a minha capacidade para escolher pretendentes.

Ele deu um passo atrás e fingiu estar à procura de algo.

— O último que escolheste para casar não está aqui — replicou ele.

Viu-a hesitar e arrependeu-se do seu tom agressivo. Não a queria magoar. Ela merecia ser cortejada por séquitos de homens e adorada pelo felizardo que escolhesse. Porém, não viviam num

mundo justo. Aquele maldito Perry continuaria a ter uma vida esplêndida, e Mary iria pagar o preço — com as suas perspectivas, a sua reputação, os seus amigos e a sua influência.

Ela suspirou.

— Sei que encaras isto como um problema que tens de resolver, agora que o Henry já não está entre nós. Mas ele também gostava de ti. Não ia querer que desperdiçasses o teu futuro por uma lealdade descabida.

— A minha lealdade não é descabida. Na verdade, não há mais nenhuma situação em que a minha lealdade se possa aplicar. Não tenho mais ninguém. — Começou a andar novamente de um lado para o outro, para escapar à doçura dos olhos dela. — Quanto à sugestão de que estou a desperdiçar o meu futuro, nem a dignifico com uma resposta.

— Não estou indefesa, Sebastian.

— Eu sei. Mas é o melhor; ninguém te vai criticar. É exatamente aquilo que a sociedade esperaria de mim: raptar a noiva do altar. Sou um canalha desavergonhado.

— Não, não és.

Ele recusou-se a alimentar a conversa.

— Serás uma senhora. E abastada. Sempre soube que alguma vez chegaria a hora de casar.

— Mas... sou demasiado velha — disse ela, bruscamente.

— Não és nada velha.

— Sou mais velha do que tu.

— Apenas dois anos.

— Quase três. A maioria dos homens prefere noivas mais novas.

— Eu não sou como a maioria dos homens.

Ela olhou para ele e suspirou.

— Sim, já tinha reparado.

Ele, por seu turno, fizera mais do que reparar em Mary. Ela captara a sua atenção desde a primeira vez que a vira, precisamente

por ser mais velha. Era mais mundana e interessante do que as raparigas da idade dele, já para não referir a sua silhueta feminina, fonte de tentação e de tormento.

E em relação a isso...

— Há, porém, algo que deves saber — disse ele. — Sou um lorde, ainda que desgraçado. Há implicações relativamente à propriedade da família. — Fez uma pausa. — Vou precisar de um filho. E isso significa que vamos ter de... — Tentou novamente encontrar um termo educado.

— Partilhar a cama.

— Sabes o que isso implica? — Assumi que alguém lhe teria dado alguma explicação sobre o assunto, mas queria certificar-se de que ela tinha noção daquilo em que se estava a meter.

Para Sebastian, evidentemente, a cama não seria considerada uma tarefa. Imaginara fazer amor com Mary mais de uma vez.

Quem é que ele estava a tentar enganar? Imaginara-o centenas de vezes. Até já tinha sonhado com ela, mesmo quando julgara ter deixado de sonhar.

— Sei o que implica a cama matrimonial — respondeu ela, com perfeita inocência. — O marido beija a mulher nos lábios e ela engravida. — Ele fitou-a, num pânico silencioso. Ela desatou a rir. — Sei o que são relações sexuais, Sebastian. Mesmo que ainda não tenha experimentado.

Graças a Deus!

— Então entendes que, para gerar uma criança, vamos ter de... fazer isso. Pelo menos uma vez; possivelmente, várias. Ainda assim, pode nascer uma menina. Nesse caso, teríamos de recomeçar. Mas prometo que não me imporei mais do que o necessário, e só quando estiveres preparada.

Ela abanou a cabeça.

— Estás a adiantar-te de tal maneira que pareces um ponto a sumir-se no horizonte. Para já, tenho de anunciar que este

casamento não vai acontecer. Após um período apropriado, de alguns meses, no mínimo, podemos voltar a falar sobre isso. Se ainda sentires o mesmo, e se eu concordar, podemos anunciar o noivado. Talvez um casamento em outubro.

— Inaceitável.

— Então no Natal.

— Certamente que não. — Conseguira convencê-la, pelo que não lhe iria dar meses para mudar de ideias. — Vamos casar hoje.

— Hoje? — repetiu Mary.

Sebastian parecia mais do que determinado, atingindo a esfera do desequilíbrio. Deu uma volta à sacristia, reunindo os pertences dela: o bouquet, o véu, a capa.

— Tens as malas feitas, presumo.

— Estão lá fora, na carruagem que o Giles alugou. Íamos partir em lua de mel logo a seguir ao casamento.

Felizmente, haviam planeado uma cerimónia pequena, na igreja, sem copo-d'água. Pelo menos não haveria muitas testemunhas da sua humilhação.

— Então, está resolvido. E vais usar o vestido.

— Não podemos casar hoje — declarou ela, lembrando que era filha de um solicitador e que tinha mais do que uma familiaridade passageira com a lei. — Não temos licença, e os banhos não foram lidos. Simplesmente, não é possível. Assunto encerrado.

Ele deteve-se, considerando a situação.

— Tens razão, precisamos de uma licença especial. Portanto, vamos a Canterbury e casamos lá.

— Céus! Perdeste o juízo. Isso explica imensa coisa.

— Os meus pais já faleceram, e os teus também, bem como o Henry. Não temos familiares para estarem presentes na cerimónia. Ou para se oporem.

— Eu oponho-me! — replicou ela, abrindo os braços. — Olha para mim; estou mesmo à tua frente, a opor-me.

— Não estás a opor-te por nenhum motivo razoável; só estás a ser do contra.

— Pois, e tu estás a ser precipitado.

— Não estou a ser precipitado. Tomo decisões rápidas, frequentemente impiedosas. A propriedade teria falido há anos se assim não fosse. Mas, quando sigo o meu instinto, nunca me arrependo.

Mary arqueou uma sobrancelha.

— Até agora.

Sebastian pegou-lhe na mão e quase a arrastou até à saída lateral da sacristia, apressando-a para a carruagem, que aguardava lá fora.

— Tenho uma propriedade à beira-mar. Um mero chalé, mas bem situado, nas falésias perto de Ramsgate, a poucas horas de viagem de Canterbury. É o local ideal para passarmos uma ou duas semanas longe de Londres. Assim, haverá certamente menos falatório.

O falatório.

Céus, o falatório que iria ser!

Bem, se iam falar dela, Mary preferia, de longe, que o fizessem por ter sido raptada por um canalha desavergonhado e sensual, do que por ter sido abandonada no altar por um débil cobarde, filho de um advogado. Passional era melhor do que patética.

— Se partirmos agora — prosseguiu ele —, chegamos ao chalé ao cair do dia. Vim no *Shadow*, por isso volto nele. Mas vou ao lado da carruagem, o caminho todo.

Ajudou-a a subir para o veículo; depois conferenciou com o cocheiro, pagando-lhe generosamente, presumiu ela. Sempre fora um homem de ações decididas, mas nunca o vira tão determinado. Pelo menos desde que declarara a compra da patente de tenente e a pretensão de ir para a guerra.

Mary abriu a porta da carruagem.

— Sebastian, espera. — Ele deu meia-volta, relutante. — E o amor? — perguntou-lhe ela, calmamente. — Não queres casar por amor?

— Prefiro casar com alguém em quem confio.

— O amor e a confiança andam de mãos dadas.

— Na minha família, não andavam.

O coração de Mary compadeceu-se. A primeira vez que Sebastian aparecera em casa deles, com o Henry, vindos da escola, mostrara-se demasiado desconfiado e distante, munido de uma armadura invisível que quase tinha quando ele andava. Com o passar dos anos, aprendeu a sentir-se confortável, e foi-se revelando cada vez mais, baixando a guarda.

Contudo, depois da guerra — depois da morte de Henry — tudo mudara. Refugiara-se novamente em si mesmo. Mary não sabia como chegar a ele, e receava que ele jamais deixasse alguém aproximar-se o suficiente para tentar.

— Estás a ser tão bom para mim, Sebastian — comentou ela. — Agradeço-te, mais do que possas imaginar. Mas não precisas de o fazer. Até posso chegar à conclusão de que me adapto bem à vida de solteira. Ou talvez algum homem venha a gostar de mim o suficiente para casar comigo, apesar do escândalo.

— E gosta, Mary. Estás a olhar para ele. — Permaneceram os dois imóveis, no silêncio que se seguiu às suas palavras. — Se julgas que estou a ser generoso, garanto-te que não estou. Não consegui manter o Henry vivo, e esse fracasso irá perseguir-me até à morte. Deixa-me proteger-te, ou não saberei como viver comigo mesmo. Terás o meu título e a minha fortuna ao teu dispor. Enquanto senhora de posses, poderás defender qualquer causa que desejes. Terás uma vida só tua, à parte o facto de me dares um herdeiro. Deixa-me proteger-te. Só te peço isso.

Como poderia Mary recusar? Esquadrinhou a mente, em busca de algum último impedimento, mas viu-se de mãos vazias.

Não, não de mãos vazias. Tinha a mão de Sebastian na sua. Se casasse com ele, não ficaria sozinha. Nem ele.

Céus, ela ia efetivamente tornar-se Mary Ives, Lady Byrne!

Apertou a mão dele, antes de a soltar.

— Tem cuidado no caminho.

Não foi bem o casamento que Mary esperara.

Não, foi muito mais grandioso. E bastante mais romântico.

Mesmo com uma fuga apressada, sem convidados e um vestido de noiva amarrotado da viagem, o cenário era inegavelmente encantador: a beleza eminente da catedral, o padre solene nos seus trajes, a névoa picante do incenso. A luz do Sol, desvanecida, brilhava pelas janelas de vitrais, lançando crescentes de azul e vermelho que deslizavam pelo chão.

A cena parecia mágica, intemporal.

E ela tinha o mais belo dos noivos. Sebastian nunca estivera tão elegante. Enquadrava-se na perfeição naquele cenário medieval, como um cavaleiro numa armadura invisível, pronto para aceitar uma senda impossível.

Mary não estava certa do seu papel naquela história. Seria a bela donzela que ele procurava agradar? Ou o noivado interrompido teria sido meramente um dragão que ele precisara de trespassar? O seu maxilar tenso não era revelador.

O padre deu início à cerimónia, as suas palavras envolveram-na num murmúrio sussurrado.

Primeiro, foi a parte de Sebastian, que quase se sobrepôs ao padre com o seu firme «Aceito». Sem hesitação.

De seguida, o padre virou-se para ela.

— Mary Elizabeth Clayton, aceitais este homem como marido, para viverem juntos segundo os ritos de Deus no santo sacramento do matrimónio?

Ela anuiu. Até ali, tudo parecia aceitável.

— Ireis obedecer-lhe...

Oh, céus!

— ... servi-lo...

Ela retraiu-se.

— ... amá-lo, honrá-lo e cuidar dele, na saúde e na doença; e, renunciando a todos os outros, manter-vos somente para ele, até que a morte vos separe? Se assim for, respondi «Aceito».

Mary hesitou.

— Se assim for — repetiu o padre, pronunciando enfaticamente cada palavra —, respondi «Aceito».

Ela não conseguia dizê-lo. Não estava preparada.

Interpelou Sebastian.

— Não sou obrigada a fazer isto, sabes? Tenho escolha.

— Que escolha? Ser uma encalhada falida que sobrevive com um rendimento escasso?

— Não seria assim tão mau. Pelo menos seria livre para fazer o que quero.

— Mary — disse ele, em voz baixa —, não é altura para discutir só por discutir.

— Não estou a discutir. Podes ouvir-me por um momento?

— Não percebo o objetivo desta conversa.

— Bem, mas eu percebo — retorquiu ela, mostrando-se ofendida. — Quando tenho algo a dizer, gostava que me ouvissem. Sobretudo, o homem que vai ser o meu marido.

— Nem penses que te vou levar de volta para...

— Desculpem... — O padre parecia perturbado. — Podemos retomar a cerimónia?

— Estou a pagar por uma capela nova — replicou Sebastian. — Pode esperar até a minha noiva acabar de falar.

Mary considerou aquela rude manifestação de proteção estranhamente enternecedora, sobretudo por ocultar uma iminente ameaça de maldição.

— Estou a fazer uma escolha, Sebastian. Era só o que queria dizer. Quando fizer estes votos, estou a escolher fazê-los, livremente. Estou a escolher isto. — Baixou a voz para um murmúrio. — Estou a escolher-te a ti.

Um observador casual jamais teria reparado, mas ela sabia que as suas palavras surtiriam um efeito profundo. Os ombros de Sebastian libertaram-se de toda a tensão e, subitamente, o seu olhar empedernido já não estava tão austero.

Naquele momento, pelo menos, o guerreiro havia baixado o escudo.

Mary olhou para o padre.

— Agora, estou pronta.

— Se assim for, respondi «Aceito».

Ela fitou o seu noivo nos olhos.

— Aceito.

A restante cerimónia foi breve, em parte porque não havia alianças. Sebastian nem tinha um anel de sinete — jamais usaria algo do pai, e muito menos isso. Houve os votos e uma ou duas orações, e, antes que Mary desse conta, chegara ao fim.

— Declaro-vos marido e mulher.

Estava feito. Tinham casado.

Sebastian inclinou-se para a frente, como se fosse beijá-la, mas depois pareceu mudar de ideias. Ela poderia ter julgado que ele perdera a coragem se não soubesse que Sebastian era a personificação da coragem.

Em vez de a beijar nos lábios, deu-lhe um beijo no rosto e depois pousou a testa contra a dela, um gesto meigo, de certa forma mais íntimo do que um beijo.

— Vou cuidar de ti — sussurrou-lhe. — Sempre.

— Eu sei — murmurou ela, em resposta.

Mary não tinha qualquer dúvida de que Sebastian iria acautelar todas as suas necessidades e protegê-la com a sua vida. Porém,

talvez ele se surpreendesse quando se desse conta de que Mary pretendia fazer o mesmo. Ele precisava de compreensão, de carinho, de uma família, de amor — tal como ela. Aquele não iria ser um acordo prático, nem uma forma de Sebastian satisfazer a sua consciência.

Iria ser um casamento.

E esse casamento começaria nessa noite.

Capítulo 3



Quando partiram de Canterbury, a luz do dia começava a desvanecer-se e nuvens de trovoada surgiam no horizonte. O cocheiro mostrou o seu desagrado quando Sebastian lhe disse que iriam viajar para Ramsgate com mau tempo, mas uns quantos guinéus melhoraram claramente o seu humor.

A meio da viagem, chegou a chuva e a noite. Depois, o cavalo de Sebastian perdeu uma ferradura, reduzindo o progresso a passo de caminhada. Por fim, chegaram ao chalé. Não havia luz nas janelas, nem ninguém saiu para os receber. Horário do campo, supôs ele. Talvez o povo ali se deitasse ao cair a noite.

Desmontou o *Shadow* e instalou o cansado animal no estábulo, que, pelo aspeto e odor, parecia não ser usado há anos. Felizmente, o cavalo tinha comido e bebido água em Canterbury. Qualquer palha que ali houvesse estaria certamente podre.

Depois de tratar do cavalo, Sebastian bateu à porta da frente do chalé.

Ninguém respondeu.

Naturalmente, tinha a chave do chalé, mas não a trouxera consigo; estava guardada num cofre, sob a sua secretária, na casa de Londres. Quando saíra, naquela manhã, esperara ver-se numa igreja, a ferver em silêncio, enquanto assistia ao casamento de

Mary com outro homem. Jamais poderia ter imaginado que, ao cair da noite, encontrar-se-ia em frente do seu chalé de pedra, na costa de Kent, casado com ela.

Voltou a bater, não obtendo resposta.

Abanou a porta para avaliar a força do ferrolho. Estava meio solto, um facto que o teria enfurecido, fossem outras as circunstâncias. Naquela noite, porém, essa situação particular de manutenção descuidada era uma dádiva. Desferiu um pontapé hábil, e o ferrolho cedeu.

Dirigiu-se à carruagem para desamarrar as malas de Mary e trazê-las para dentro, antes que ficassem completamente ensopadas. Depois, regressou à carruagem para a ir buscar.

— Põe as mãos à volta do meu pescoço — gritou, através da chuva. — Eu levo-te ao colo.

— Eu consigo andar.

Sebastian não tinha tempo para aquilo. Pegou nela, tirou-a da carruagem sem mais discussões, aconchegou-a contra o peito e levou-a para o chalé.

— Não era preciso fazeres isto — retorquiu ela, assim que ele a pousou.

— O chão está molhado e lamacento.

Ela sorriu, irónica.

— Não estou muito preocupada com a bainha do meu vestido. Não vou propriamente voltar a usá-lo.

— É a nossa noite de núpcias — retorquiu ele. — Na noite de núpcias, o noivo atravessa a soleira da porta com a noiva ao colo. Por mais precipitada e remediada que toda esta situação tenha sido, e considerando que nem sequer tiveste uma aliança, achei que devia fazer isto da forma correta.

— Sebastian... foi extremamente querido da tua parte.

Céus, ela dissera «querido»?!

Lá fora, o cocheiro bateu as rédeas, rumando noite adentro.

Sebastian empurrou a porta e fechou-a com uma cadeira. Mary encontrou um pavio, que usou para acender uma vela, obtendo, assim, o primeiro vislumbre do chalé.

Sebastian praguejou. Estava um caos. Já vira galinheiros em condições mais habitáveis.

— Há quanto tempo não vinhas cá? — perguntou Mary.

— Há anos. Mas, supostamente, vive cá um caseiro com a mulher. Pelo menos tenho andado a pagar-lhes o salário. Não esperava que a casa estivesse a brilhar... mas isto?! — Bateu numa teia de aranha.

— Pelo menos não estamos à chuva.

Porém, também não estavam realmente abrigados da chuva. Ao olhar para cima, para o telhado de colmo, um frio pingo de água atingiu-o em cheio no olho.

Há poucas horas, estivera perante um homem de Deus a fazer votos para cuidar de Mary e protegê-la até ao fim da sua vida. Não estava a começar de forma estrondosa.

— Vamos passar a noite a uma estalagem — disse.

— Como? O cocheiro partiu. O *Shadow* perdeu uma ferradura. E não me recordo de ver uma estalagem quando passámos pela aldeia.

— Bem, não podemos ficar aqui.

— São só uns pingos, pó e teias de aranha. — Ela olhou em redor, erguendo a vela. — Este quarto ao lado da cozinha não está muito descuidado. Está seco, pelo menos. E tem uma cama. Tenho lençóis limpos e uma manta na minha bagagem. Fazem parte do meu enxoval.

Sebastian puxou o cabelo molhado para trás.

— Pelo menos deixa-me ir a pé à aldeia procurar algo para comermos.

— Nem penses! Não vais deixar-me aqui sozinha. — Pegou num cesto que ele trouxera da carruagem e colocou-o sobre a

mesa da cozinha. — A irmã do Giles disse-me que nos tinha preparado qualquer coisa. Bem, não para *nós*, mas percebebes... — Sim, Sebastian percebia. E detestava constatar que, se Mary se tivesse casado com aquele traste, estaria quente, seca e alimentada naquele momento. Ela abriu o cesto. — Temos uma garrafa de vinho. É prometedor. E... — Desembrulhou o pacote de papel pardo. — Bolo.

Sebastian olhou para o conteúdo. Não era simplesmente bolo. Era bolo de casamento.

Subitamente, perdeu o apetite.

Mary partiu um pedaço de bolo e deu uma dentada generosa.

— Sobrevivemos até de amanhã — murmurou, de boca cheia. — Vai correr tudo bem. — Ele supunha que não tinham grande escolha. — Tens a certeza de que não queres? — Deu outra dentada no bolo e lambeu os dedos. — É bom.

Ele negou com a cabeça.

— Vou acender a lareira. Faz a cama.

Enquanto ela desafivelava as malas para tentar encontrar os lençóis, Sebastian tirou o casaco, desabotoou os botões de punho, arregaçando as mangas até aos cotovelos, e procurou lenha na cozinha. Deparou-se com um escasso número de cavacas, que não era suficiente para manter o lume aceso durante a noite.

Aventurou-se na chuva e deu a volta ao chalé, até encontrar um monte de lenha decrépito, num anexo desmoronado. A lenha que estava por cima encontrava-se húmida, e grande parte da restante apodrecera. Quando apanhasse o caseiro, iria fazê-lo pagar por deixar a sua propriedade em tal estado de abandono.

Resgatou alguns dos troncos mais secos do monte e levou-os para o cepo. Pegou no cabo do machado, para o soltar, e fincou os pés na lama, dando o seu melhor puxão, mas, em vez de a lâmina se desprender do cepo, o cabo partiu-se na sua mão. Sebastian caiu para trás, de rabo no chão.

Excelente... Agora, estava encharcado e coberto de lama. Transportou a madeira por cortar para o chalé, detendo-se à entrada, a sacudir-se como um cão, lançando pingos enlameados em todas as direções. Tirou as botas e acocorou-se junto da lareira para acender o lume.

Com algum esforço, conseguiu uma chama respeitável. Um calor aconchegante espalhou-se pela cozinha. Se deixassem a porta do quarto aberta, o calor deveria ser suficiente para o aquecer também.

— A cama está pronta — disse ela, atrás dele.

Ele deitou mais uma cavaca no lume, ergueu-se e virou-se.

Céus!

Mary estava a usar um *négligé* transparente, de renda, imaculadamente branco.

Ele não conseguiu falar. O gato comera-lhe não só a língua, mas todas as restantes partes do corpo, à exceção dos olhos, do coração, do sangue e do pénis endurecido.

Haviam passado onze anos, quatro mil dias. Em quantas dessas quatro mil noites a imaginara nua? Mais do que as que alguma vez admitiria. E ali estava ela, diante dele, vestida com o equivalente de seda a um ramo e uma folha de figueira.

Mais bonita do que nas suas loucas fantasias.

Tinha soltado e penteado o cabelo, e os brilhante caracóis avermelhados tombavam-lhe sobre os ombros, em ondas. O vinho tingira-lhe os lábios de vermelho-clarete.

Os mamilos eram de um tom ligeiramente rosado — sempre imaginara que seriam rosa. Também imaginara que saberiam a tarte de nata, o que agora lhe parecia estranhamente específico.

— O que é isso? — conseguiu finalmente articular.

— Uma camisa de noite.

— É uma teia de aranha. Tem mais buracos do que fio. Já estás a tremer. — *Já para não falar que tens os mamilos rosados e duros como dardos.* — Não tens algo mais conveniente?

Ela envolveu-se com os braços.

— São todas assim.

Claro que eram todas assim. Fizera as malas para a lua de mel — uma lua de mel com outro homem.

Sebastian sentia-se um monstro. Mary devia estar com frio, exausta, assolada por emoções contraditórias. Ainda que não tivesse o coração destroçado, estaria provavelmente magoada. Pelo ar daquele *négligé*, ansiara pela noite de núpcias com Perry, e, ao invés, estava ali, num buraco infernal, infestado e apodrecido. Com ele.

E ele estava a criticá-la em relação à escolha da indumentária para dormir.

Muito bem, Sebastian. Muito bem, deveras!

Ela atravessou a sala em direção a ele.

— Vá lá. Tira a roupa — disse ela, desfraldando-lhe a camisa das calças.

— Mary! — Ele recuou. — Não estou... Nós não... Hoje, não. Ela inclinou a cabeça para o lado e fitou-o.

— Estás ensopado até aos ossos e coberto de lama. Não estou a portar-me como uma desavergonhada atiradiça; estou a proteger os meus bordados. Esforcei-me imenso para bordar estes lençóis, sabias? Portanto, despe-te e deixa a roupa a secar à lareira.

Ele abanou a cabeça.

— Eu durmo no chão.

— Não sejas absurdo. Não vou deixar que durmas no chão.

— Não há problema. Já dormi em condições bem mais agrestes, na guerra.

— Não estamos no exército, Sebastian. A cama está em perfeitas condições.

— Exato. A cama: singular. Não são camas.

— Somos marido e mulher — provocou ela. — Foi o padre que disse.

«Mulher.»

Ela era mulher dele.

— Sei que pretendes tomar conta de mim — prosseguiu ela.
— Mas, agora que casámos, eu também tenho de tomar conta de ti.
E não te vou deixar dormir no chão. — Tocou-lhe no pulso. — Além disso, está frio. Não quero estar sozinha.

Muito bem. Ela levava a melhor.

E, com aquele *négligé*, deixara-o duro como granito.

Iria ser uma noite muito longa.

— Vai indo para a cama, então — disse ele. — Fica do lado mais próximo da cozinha, que vai estar mais quente. Já vou ter contigo.

Esperou até a ouvir enfiar-se sob a manta para se despir apressadamente e pendurar a roupa molhada sobre duas cadeiras, junto da lareira. Quando se esgueirou para o quarto, tentou permanecer na penumbra. Não por modéstia, mas para não a alarmar. Era um sujeito bastante imponente, grande em todos os aspetos. As mulheres experientes pareciam apreciar o seu corpo, mas não sabia ao certo como é que uma virgem reagiria.

Deitou-se na cama, ao lado dela, cruzou os braços sobre o peito e fechou os olhos.

Ela aninhou-se contra ele.

Ele afastou-se alguns centímetros.

Ela voltou a aninhar-se.

— Abraça-me. Estás tão quente, e eu não consigo parar de tremer.

Com um pesado suspiro, ele envolveu-lhe os ombros com um braço, ainda cauteloso, para manter os seus corpos afastados do umbigo para baixo.

— Não te quero esmagar.

— Como poderias esmagar-me? Estás ao meu lado, não em cima de mim.

Ele resmungou. *Não me dê ideias.*

— Estás a afastar-te novamente — acusou ela. — Serei assim tão indesejável?

— Absolutamente o contrário.

— Então, qual é o problema?

Tudo bem. Não digas que não estavas a pedi-las.

Ele virou-se de lado, para ficar de frente para ela, puxou-a para junto de si e empurrou o seu órgão desenfreadamente excitado contra a barriga dela.

— Aí tens. Espero que isto responda à tua questão.

Ela engoliu em seco.

— Oh. Querias...

— Levar a cabo atividades educadas? Não. — Soltou-a. — De todo.

— Não precisas de ser tão veemente.

— O corpo de um homem tem mente própria. Especialmente quando o homem em questão está nu na cama com uma mulher bonita, vestida com um mero bocado de renda, que não para de aconchegar o corpo contra o dele. — Expirou profundamente. — Mas não quero que te sintas ansiosa. Vamos esperar até estares pronta. Quer sejam semanas, meses ou até anos. Não te vou apressar.

Mary ficou em silêncio por um momento. Depois desatou a rir.

— O que foi? — perguntou ele.

— Não me vais apressar? — A cama rangeu com o riso dela. — Isto vindo do homem que me raptou de manhã, casou comigo à tarde e se instalou comigo num chalé remoto, à beira-mar, à noite. Mas não me vais apressar. Oh, Sebastian, essa é boa! — Ele não sabia o que dizer. — Olha para o sulco que tens na testa. — Ela acariciou o espaço entre as sobrancelhas dele, como se tentasse alisá-lo. — Não estejas com esse ar tão soturno. Estou só a brincar contigo. Mas talvez não estejas pronto para brincadeiras.

Também não te quero apressar. — Sem pensar, ele afagou-lhe o cabelo. Ela encostou a cabeça ao peito dele. — Tenho andado preocupada contigo neste último ano. És demasiado teimoso para o demonstrar, mas sei que tens estado a sofrer. Pode ser pelo Henry ou por causa da guerra, ou até por algo que eu não consigo compreender. Pareces-me sempre tão distante, mesmo quando estamos juntos.

Ele não sabia como reagir. Era verdade, estava a sofrer. Não só por causa de Henry, mas por tantos irmãos de armas. Porém, não era um assunto sobre o qual soubesse conversar, e dificilmente conseguiria lamentar-se a Mary. Ela perdera o seu único irmão. Com ambos os pais falecidos, Henry era a família que lhe restava. Estava sozinha.

Ou melhor, estivera sozinha. Agora, tinha-o a ele.

— Dorme — disse-lhe. — Assim que amanhecer, vou levar-te deste sítio miserável.

Ela virou a cabeça para olhar para ele.

— Dás-me um beijo de boa-noite? — Perante a hesitação dele, insistiu: — É a nossa noite de núpcias. Parece-me que pelo menos devemos ter isso. Em nome da tradição, se não por mais nada.

Muito bem. Ele encostou os lábios aos dela, e deu-lhe um beijo casto, delicado.

Depois o Diabo apoderou-se de si, e o beijo ganhou dimensão.

O primeiro sabor dela foi de uma doçura rica, amanteigada. Como um bolo. Aquele maldito bolo de casamento destinado a ser partilhado entre ela e outro homem. Queria roubar-lhe aquele sabor da boca e queimá-lo, reduzi-lo a cinzas.

Enfiou a língua entre os lábios dela, explorando, reclamando. Deslizou-lhe a mão até à nuca e entrelaçou-lhe os dedos no cabelo, virando-lhe a cara para a sua, para aprofundar o beijo. Ela aproximou-se mais, e a suavidade requintada do seu corpo enrijeceu-lhe a pele e fez-lhe o sangue pulsar.

Dentro de si, o desejo faiscou, alastrando-se como um raio.
Natural. Selvagem. Descontrolado.

Deveria ser um beijo de boa-noite. Um delicado tocar de lábios antes de se abandonarem ao sono. Ao invés, os desejos há muito recalcados acordavam, intensificando-se. Crepitavam para a vida com uma ferocidade que o assustou até a ele.

Ansiava por tatear todas as partes do corpo dela. Envolver-lhe os seios com as palmas das mãos, passar os dedos ao longo do seu abismo doce, quente. Queria-a debaixo de si, de pernas afastadas. Ou empurrada contra a parede. Ou dobrada sobre a mesa, com aquela renda insubstancial puxada acima da cintura.

Queria ouvi-la a gritar o nome dele, senti-la a abraçá-lo com força. Queria adormecer enroscado nela, e acordar nos seus braços.

Queria tudo o que ela tinha para lhe dar, e mais.

Mary, Mary.

Um estrondo de madeira e ferro sacudiu-os a ambos. O beijo desfez-se, mas Sebastian manteve Mary junto a si.

As silhuetas de duas pessoas preenchiam a ombreira da porta do quarto.

— Sejam que forem — souu uma voz num tom ameaçador —, preparem-se para morrer.

As autoras bestsellers Tessa Dare e Christi Caldwell
reúnem-se num dueto inteligente, sensual e imperdível!

Noiva à Disposição, de Tessa Dare

Há uma regra entre cavalheiros que não pode ser quebrada: nunca tocar na irmã de um melhor amigo. Sebastian Ives sempre lutou para resistir a Mary Clayton, a irmã do seu melhor amigo. Mas, quando o noivo de Mary a abandona no altar, só Sebastian a pode salvar da ruína. Irá Sebastian manter-se fiel ao amigo? Ou será a tentação de tomar Mary nos braços demasiado irresistível?

Duquesa por um Dia, de Christi Caldwell

Crispin Ferguson, o Duque de Huntington, passou os últimos anos a viver em angústia. A jovem com quem se casou, Elizabeth, partiu sem dizer nada, e a sua fuga apressada teve repercussões devastadoras. Só que Crispin nunca parou de pensar em Elizabeth.

E, agora que a encontrou, tem um pedido a fazer-lhe: quer que ela seja sua duquesa, publicamente, apenas por um dia. Irá este reencontro reatar os laços que em tempos os uniram? Ou poderá uma revelação chocante separá-los para sempre?

LEIA TAMBÉM:



TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-668-550-8



9 789896 685508

Ficção Romântica